

UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO PROSÓDICA DOS ATOS DE FALA ORDEM E PEDIDO VOLTADA PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)

Priscilla da Silva Santos¹

priscilla.santos.msc@gmail.com

RESUMO: Ensinar uma língua estrangeira é levar o aprendiz a se comunicar no idioma alvo. Sendo assim, não basta pensar o ensino de línguas em termos estruturais, é preciso considerar, também, seu aspecto pragmático e prosódico. É fundamental lembrarmos o conceito defendido por Searle (1981) de que o ato de fala é a unidade mínima da comunicação, e ensinar o aprendiz como agir através das palavras em um idioma não materno. O presente trabalho se fundamentou na Teoria dos Atos de Fala, e investiga a produção oral de aprendizes de português, na cidade do Rio de Janeiro ao realizarem ordens e pedidos, e como os falantes nativos brasileiros interpretam essas produções. As ordens e os pedidos obtidos com os informantes foram analisados com foco para o nível prosódico. Nesse nível, comparam-se as produções dos estrangeiros com os padrões propostos por Moraes (2008) para ordens e pedidos no português do Brasil, a fim de verificar em que medida a entoação afeta a realização dos atos de fala investigados. Os resultados desta pesquisa podem servir como mais uma ferramenta para a formação do professor de português como língua estrangeira, levando-o, assim como os demais interessados na área, a rever sua postura sobre o ensino de pronúncia e sobre o papel da fonologia no ensino de línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Atos de fala, Ordem e Pedido, Prosódia, Pragmática, Ensino de PLE, Ensino de Pronúncia.

INTRODUÇÃO

Os materiais didáticos para o ensino de língua portuguesa para estrangeiros há muito abordam a questão dos atos de fala, seja em sua organização contéudística, seja nos diálogos utilizados na apresentação do tópico de cada unidade gramatical, a ser estudado. Observa-se, então, que o conceito de Searle (1981), que entende o ato de fala como unidade mínima da comunicação, vem sendo colocado em prática no ensino de língua estrangeira (LE), uma vez que é inegável que a comunicação tem sido seu foco principal.

¹ Doutoranda em Linguística na Universidade de Brasília.

Em contrapartida, há uma escassez de estudos que tenham como base os elementos constitutivos dos atos de fala, salvo os relativos à sua estrutura gramatical, sobretudo os prosódicos. Esse fato pode causar problemas na interação de sala de aula, e mesmo no dia a dia do aluno estrangeiro, quando, por exemplo, um pedido é interpretado erroneamente como ordem, o que pode gerar ruídos na comunicação, constringendo os interlocutores. Por vezes, tal equívoco comunicativo não pode ser esclarecido por meio da análise gramatical do ato de fala, sendo necessária uma investigação mais profunda. O que levaria, então, um pedido a ser interpretado como uma ordem ou vice-versa iria além das questões formais do ato de fala?

A busca, em materiais didáticos específicos para o ensino de português como língua estrangeira, de como os atos de fala em questão eram tratados² corroborou a ideia inicial de que a investigação centrada na estrutura gramatical de ordem e pedido pouco esclarecia sobre os ruídos existentes na comunicação entre brasileiros e estrangeiros aprendizes de português, quando o segundo intencionava proferir uma ordem ou um pedido ao primeiro. A dúvida levou ao estudo da prosódia dos atos de fala diretivos, tendo como ponto de partida a afirmação de Searle (1981: 43):

o marcador de força ilocucional indica o modo pelo qual é preciso considerar a proposição, isto é, qual será a força ilocucional a atribuir à enunciação; ou, ainda, qual é o acto ilocucional realizado pelo falante quando profere a frase. Os processos utilizados em português para marcar esta força ilocucional incluem, pelo menos, a ordem das palavras, o acento tónico, a entoação, a pontuação, o modo do verbo e os verbos chamados <<performativos>>.

Assim, o foco do presente estudo passa a ser a Fonologia com seu suporte sobre o estudo da entonação dos atos de fala ordem e pedido.

Após um estudo de cunho teórico, o alvo passou a ser a realidade comunicativa dos alunos de PLE³ e os possíveis ruídos ocasionados na produção de ordens e pedidos. Para isso, elaborou-se um *corpus* composto por 84 enunciados elicitados por falantes de outras línguas aprendizes de português em contexto de imersão⁴, em que os informantes eram levados a produzir os atos de fala em estudo. Como o ruído comunicativo ocorria no nível do ouvinte, foram selecionadas as sentenças que mais se adequavam morfossintaticamente às ordens e aos pedidos, e essas foram submetidas à percepção de falantes nativos⁵ do português do Brasil. A

² Maiores informações sobre a definição de ordem e pedido em materiais didáticos de PLE, bem como a definição estrutural desses atos de fala, conferir a dissertação de Santos (2009).

³ PLE: Português como Língua Estrangeira.

⁴ País onde a língua que está sendo aprendida, no caso o português do Brasil, é falada como língua materna.

⁵ Falante nativo: falante que tem como primeira língua, ou língua materna, o idioma falado no país em que vive, no caso da presente pesquisa, o Brasil.

tais falantes nativos, chamados neste trabalho de juízes, cabia identificar a sentença como ordem, pedido ou outro ato de fala que lhe fosse mais adequado.

Das frases submetidas ao teste de percepção, foram selecionadas as que obtiveram resultados mais expressivos quantitativamente, que foram analisadas acusticamente no programa computacional PRAAT. O comportamento do contorno melódico das sentenças selecionadas foi comparado com as propostas de Moraes, feitas em um estudo publicado em 2008, ocasião em que o autor define padrões entonacionais para alguns atos de fala diretivos, dentre eles ordem e pedido.

A escolha dos atos de fala ordem e pedido para serem investigados se deu através da observação de que alguns brasileiros consideravam que os estrangeiros eram ríspidos em sua forma de pedir ou dar ordens, quando se comunicavam em português, provocando, assim, antipatia por parte de seu interlocutor. Essa reação fazia com que o ouvinte, entre outras possibilidades: (i) não realizasse a ação solicitada, levando o ato de fala a um insucesso; (ii) cumprisse o ato de fala proposto pelo falante, mas o fizesse contra sua vontade; ou (iii) alimentasse o estereótipo de que os estrangeiros são rudes e, até mesmo, grosseiros, sobretudo quando se encontram em posição hierárquica superior à de seu interlocutor.

Todo o percurso investigativo tem como objetivo buscar, como já foi mencionado, justificativas para problemas na percepção de pedidos e ordens produzidos por falantes não nativos do português do Brasil quando em interação com brasileiros. Dessa forma, este trabalho visa a oferecer mais uma ferramenta teórica e prática para professores de português como língua estrangeira, e demais interessados na área, no que diz respeito ao ensino dos atos de fala, especificamente ordens e pedidos.

1. A PROSÓDIA

Eis um ponto fundamental para esta pesquisa: o papel da prosódia, ou mais especificamente da entonação, na diferenciação entre ordem e pedido. Francis Nolan (2006), em seu artigo intitulado “*Intonation*”, relaciona a entonação ao significado da fala, independentemente das palavras que a compõem e da sua representação sonora, ou seja, da composição segmental das palavras. Dessa forma, a entonação faz parte do sentido global do enunciado e possui tanta relevância quanto sua formação estrutural. Ela é modulada pelo *pitch*, modulações da F0 ou frequência fundamental, que vão além da sentença e se estendem por toda a enunciação. A variação de altura tonal (*pitch*), porém, não pode ser sempre considerada isoladamente, uma vez que a análise prosódica dos enunciados pode incluir

outros elementos, como ritmo e velocidade de fala (*timing*), acento frasal relacionado à amplitude (*loudness*) e qualidade de voz (*sound voice*).

Nolan (2006: 1), em seu estudo, diferencia entonação de prosódia. Para ele, a entonação está relacionada aos efeitos da inflexão tonal na fala, enquanto que a prosódia atribui um caráter mais generalizante, que agrega características como “*patterns of pitch, timing, loudness and (sometimes) voice quality*”.⁶ O autor ainda defende que a entonação carrega uma variedade de tipos de informação, possui uma função dentro do discurso, pode refletir a estrutura da informação de uma sentença e destacar constituintes importantes dentro do enunciado. A entonação também pode transmitir atitudes do falante, como amizade, entusiasmo ou, até mesmo, hostilidade. Assim, o ouvinte pode usar o seu modelo de fala para inferir o estado emocional do falante – como excitação, depressão e tristeza –, além de poder regular a alternância de turnos em uma conversa em situação de interação comunicativa.

Madureira (1999: 55) afirma que a entonação “compreende padrões de *pitch* que têm forma, função e domínios específicos”. Para *pitch*, a autora propõe como tradução o termo “inflexão tonal”, que será utilizado, a partir de agora, neste trabalho. Ela afirma, também, que as alterações na fala chamadas de entonação correspondem: a modulações de frequência fundamental, medida em *hertz*; à intensidade, medida em decibéis; e à duração, medida em milissegundos. Sobre a frequência fundamental (F0), Madureira (1999: 55) afirma que:

o parâmetro acústico mais importante da entonação é a frequência fundamental, termo que designa o número de repetições de ciclos de uma onda periódica. O correlato fisiológico da frequência fundamental é o número de vibrações (o abrir e fechar) das cordas vocais e o correlato perceptual é o *pitch* (inflexão tonal).

O papel da entonação dentro da comunicação é um dos pontos chave do presente estudo, pois o que está em cheque é a entonação como um dos recursos para a identificação dos atos de fala como ordem ou como pedido. As escolhas feitas pelos falantes em termos de gradientes entonacionais são determinantes para atribuir ao enunciado características do ato de fala a ser realizado. A entonação também é responsável pela atribuição do grau de polidez utilizado na sentença, que é fundamental para o sucesso comunicativo da construção formal expressa pelo falante. Outra função comunicativa atribuída à entonação é revelar, em uma sentença, quais são as informações novas que ela traz, e aquelas que já foram mencionadas no contexto onde ela é expressa.

⁶ Tradução: padrões tonais, rítmicos, acentuais e (às vezes) padrões de qualidade vocal.

Os estudos acerca da entonação estão localizados dentro da área científica da fonologia. Entonação e fonologia utilizam-se de unidades linguísticas contrastivas, que formam a base contínua da variável melódica da fala. As unidades formadoras de tal base não são providas de significado quando consideradas isoladamente; contudo, passam a tê-lo quando inseridas em um contexto, combinados com outros elementos.

Centrando-se na fonologia, Pierrehumbert (1980) propõe uma representação da inflexão tonal em dois tons, L (*low*) e H (*high*), que dependem do contexto em que se realizam para se definirem. Os enunciados consistem em uma ou mais frases entonacionais⁷. A melodia de tais frases é decomposta dentro da sequência de elementos, cada uma com dois tons. Esses tons podem ser associados a uma sílaba acentuada, e atuar como sinalizadores de acento frasal (*pitch accent*); podem, ainda, assinalar o começo e final da frase e, neste caso, funcionar como tons de fronteira.

Quando uma curva melódica (F0) se inicia baixa e segue em um movimento ascendente, tem-se a representação bitonal L+H, e se essa segue em sentido descendente, tem-se H+L. Quando uma das proeminências acentuais é distintiva, ou corresponde à sílaba tônica da palavra, a que carrega o acento frasal, leva consigo a marca diacrítica (*).

Para a representação das curvas entonacionais que compõem o *corpus* em estudo, optou-se por utilizar a teoria autossegmental métrica (AM). Essa teoria descreve os tons como altos (H) e baixos (L), conforme apresentado no trabalho de Pierrehumbert acima citado. De acordo com Nolan (s.d.: 7), “*the Hs and Ls constitute pitch targets, and pitch movements arise from interpolating between (‘joining up’) these targets*”.⁸

1.1 TEORIA AUTOSSEGMENTAL E MÉTRICA (AM) E O TOBI

A teoria autossegmental métrica tem como maiores expoentes os estudos realizados por Pierrehumbert (1980), Beckman & Pierrehumbert (1986) e Ladd (1996). É uma abordagem de base fonológica, onde a inflexão tonal é analisada como tons (sequência de elementos fonológicos discretos). Há uma distinção entre dois tipos de tons, já citados anteriormente: tons de fronteira (*boundary tones*) e acentos frasais (*phrase accents*).

⁷ Frase entonacional = Sintagma entonacional: é constituído por um ou mais sintagmas sintáticos e tem um contorno identificável. É um dos constituintes prosódicos que se relacionam hierarquicamente entre si e definem a organização fonológica de uma língua. Os constituintes prosódicos são (do menor para o maior): sílaba → pé → grupo clítico → palavra prosódica → sintagma fonológico → sintagma entonacional → enunciado.

⁸ Tradução: os tons altos e baixos constituem alvos acentuais e os movimentos tonais surgem da ligação (associação) entre estes alvos.

Pierrehumbert “*elabora uma notação específica para dar conta da associação fonológica entre os tons e o texto*”, segundo Colamarco (2007: 9). Nessa notação, como já mencionado, duas categorias tonais definem os alvos da linha referente à frequência fundamental (F0): H (alto) e L (baixo). É possível haver uma associação desses acentos tonais com outras categorias de suporte tonal, como com a sílaba acentuada, e essa associação é indicada por um asterisco (H* e L*). O acento pode ser monotonal (H, L, H* ou L*) ou bitonal (H*L, HL*, L*H, LH*).

A versão mais atualizada da proposta de Pierrehumbert é o sistema *Tone and Break Indices* (ToBI). Segundo Madureira (1999: 64), esse sistema de transcrição prosódica foi desenvolvido para a língua inglesa, em busca de um padrão comum que facilitasse o compartilhamento de bancos de dados prosódicos.

O ToBI tem como objetivos, segundo apresenta Wightman, em seu artigo “*ToBI or not ToBI*” (2002), servir: (1) à transcrição prosódica, objetivo esse que foi sendo modificado com o desenvolvimento dos estudos na área, e ficou restrito à proeminência e às frases entonacionais; (2) como instrumento notacional de cunho geral (*theory friendly*), em que se busca uma notação de simples leitura que sirva para unificar o registro dos *corpora* de estudos que agregam diferentes teorias prosódicas; (3) à reprodução das transcrições com auxílio de recursos do tipo *intertranscriber*; e (4) como notação passível de ser utilizada para outras línguas e/ou fenômenos.

Durante o processo de desenvolvimento do ToBI, portanto, foi observado que o sistema permitia (a) transcrever a entonação, e (b) utilizar as transcrições como ferramentas independentes.

Considerado o desenho inicial dos objetivos do ToBI, a transcrição da entonação precisa preencher, simultaneamente, dois papéis: (1) capturar o significado dos eventos entonacionais, como, por exemplo, proeminência e continuidade; e (2) descrever a forma do contorno melódico, ou curva entonacional.

1.2 PROSÓDIA E ENSINO DE LÍNGUAS

O que é prosódia? Mateus (2004) inicia seus escritos sobre o tema com tal pergunta, e, ao realizar um percurso histórico nas gramáticas de língua portuguesa atrás da resposta, conclui que encontrá-la não é tão simples quanto localizar a definição de sintaxe, por exemplo. Geralmente, a prosódia está relacionada ao ritmo da fala, ao tom ou ao acento, relacionando-os ao conceito de sílaba, e isso provoca um reducionismo do escopo da

prosódia. Ao realizar uma investigação de cunho etimológico, Mateus conclui que esse viés pouco contribui para o esclarecimento da questão, uma vez que a “etimologia atribui à prosódia a significação de melodia que acompanha o discurso e, na língua grega, mais precisamente, o acento melódico que a caracteriza” (Pereira 1992 *apud* Mateus 2004).

A autora encontra resposta aos seus questionamentos sobre prosódia nas teorias linguísticas que apontam como objetos de investigação o tom, a intensidade e a duração dos sons que se organizam ao longo da cadeia falada. Assim, os traços prosódicos são:

- tom (ou *pitch*) – tem como correlato acústico a frequência da onda sonora e diz respeito à quantidade de vezes que um ciclo completo de vibração das partículas sonoras se repete ao longo de um segundo; quanto maior o número de ciclos, maior a altura do som;
- intensidade – origina o acento de um som e está relacionada com a amplitude das ondas sonoras (quanto maior a amplitude, maior a quantidade de energia e, conseqüentemente, maior a proeminência acentual); e
- duração – tempo de produção de um som. É inversamente proporcional à velocidade da fala.

Mateus afirma, ainda, que “essas propriedades são inerentes ao som e estão relacionadas às características acústicas das ondas sonoras” (2004: 6). Além disso, são elas que constituem as características dos sons de cada idioma, que definem o ritmo de cada língua, assim como permitem a distinção entre línguas entonacionais e tonais.

Essas propriedades organizadas dentro de um enunciado é que conferem a ele a entonação, ou seja, a forma como a estrutura da fala se organiza mediante variações do contorno melódico das ondas sonoras, da sua duração e da sua amplitude. Eis o ponto fundamental da presente pesquisa, que investiga os contornos melódicos dos enunciados que expressam ordens e pedidos.

Voltando-se para a fonologia, Mateus (2004: 6) afirma que as línguas utilizam as características entonacionais com objetivos diversos, a saber:

- (i) para marcar os *limites das unidades* (o acento pode indicar o fim ou o início da palavra; a curva de entoação pode igualmente marcar os limites de unidades prosódicas); (ii) para criar *oposições distintivas* (nas línguas tonais como, p.ex. o chinês, o tom de uma sílaba, por contraste com os tons das que a rodeiam, pode opor significados entre duas palavras cujos segmentos são iguais tendo, assim, uma função distintiva; da mesma forma, a duração de uma sílaba pode ter valor distintivo como p. ex. em latim ou em inglês); (iii) para distinguir *significados globais* de

construções frásicas (a entoação é usada frequentemente para diferenciar uma interrogação de uma afirmação, por exemplo; neste caso pode dizer-se que a entoação tem valor distintivo).

Dos pontos elencados pela autora, um merece ênfase para este estudo: a entoação, em línguas entonacionais, com um valor distintivo (vale frisar que o valor distintivo aqui referido é no nível do enunciado – suprasegmento - e não no do segmento – o que caracterizaria uma língua tonal). Em geral, quando se aborda essa questão, alguns estudiosos como a própria professora Mira Mateus, se valem da dicotomia asserção / interrogação para reforçar o caráter distintivo da entoação. Contudo, estudos como o de Moraes & Colamarco (2007) indicam que a questão vai além da abordagem gramatical (sintaxe, semântica, morfologia e fonologia), estendendo-se também à seara da pragmática, sendo este o principal aspecto que irá opor os atos de fala pergunta a pedido (no estudo de Moraes & Colamarco), e pedido à ordem (na pesquisa ora apresentada).

A entoação vista como portadora de significado e, conseqüentemente, como traço distintivo entre enunciados, também está presente nos estudos de Halliday (*apud* Beaugrande, 1981) no que diz respeito à sua gramática sistêmico-funcional. Esse autor relaciona a tonicidade com o foco informacional em inglês, assim como com a atitude do falante, que, ao realizar um enunciado em que sua curva melódica tem um tom ascendente, expressa incerteza, enquanto o tom descendente expressa certeza. Halliday ainda menciona que o tom descendente no inglês é mais frequente e caracteriza sentenças declarativas, já o tom ascendente aparece mais em diálogos do que em narrativas e afirma que a tonalidade deve ser um caráter universal, próprio de cada língua natural.

Um ponto comum aos estudos de Mateus (2007) e Halliday (*apud* Beaugrande, 1981) é que ambos, ainda que cada um à sua forma, entendem que o contato com o som da língua, com a sua prosódia, precede a sua aprendizagem formal. Prova disso é que um bebê começa a se comunicar por tons e não por palavras. Outro fato que vem ao encontro dessa idéia é que, muitas vezes, um indivíduo rotula um idioma de áspero ou cantado sem conhecer dele uma palavra sequer, e isso se dá pelo som da língua a que é exposto.

Contudo, na contramão do processo natural de aquisição da linguagem, os métodos de ensino de língua estrangeira não privilegiam o ensino de prosódia. O que se encontra é a constante repetição do clássico modelo focado na sintaxe, no léxico e na morfologia.

Considerando o ensino do português como língua estrangeira, percebe-se uma grande carência de materiais didáticos que privilegiem o ensino das características prosódicas do idioma. Quando esse tema é abordado, em geral observa-se que é tratado com grande

reducionismo, pois os autores se atêm a distinguir asserção de interrogação, ou a fazer distinção de pares mínimos, no nível segmental. Um tratamento que relacione as questões prosódicas com as pragmáticas no ensino de línguas ainda carece de maiores estudos.

Mateus (2007: 20) enumera as funções, na língua, da entonação no português:

emocional (para exprimir excitação, aborrecimento, surpresa), informacional (para indicar uma informação nova, por exemplo), textual (distinguindo a interrogação da afirmação ou da ordem), psicológica (organizando a língua em unidades que são mais facilmente percebidas e memorizadas) e identificadora (visto que pode ser uma marca de identidade que permite reconhecer a classe social a que pertence a pessoa ou, por vezes, a sua profissão).

As marcas prosódicas no português do Brasil, assim como em muitas línguas do mundo, podem também ser uma forma de identificação regional do falante e funcionar como um rótulo social. Esses aspectos são importantes de serem mostrados ao aprendiz de PLE, sobretudo os que estão em contexto de não imersão⁹, pois não carregam somente marcas linguísticas de um idioma, mas também aspectos culturais de um povo.

2. METODOLOGIA

Para a realização do estudo ora apresentado, foi constituído um *corpus* de língua oral, composto por 84 sentenças, nas quais se objetivava a produção dos atos de fala ordem e pedido por falantes de outras línguas aprendizes de português. O processo de elaboração do *corpus* será descrito nas páginas que seguem.

2.1 ELABORAÇÃO DO CORPUS

No campo da Pragmática, sobretudo nos estudos dos atos de fala, um instrumento de pesquisa que vem sendo utilizado desde 1982 é o *Discourse Completion Test* (DCT). Esse instrumento foi adaptado por Blum Kulka (1987) e consiste em apresentar ao entrevistado uma série de situações em que se deve utilizar o ato de fala pesquisado em língua materna ou estrangeira. Inicialmente, o teste era realizado utilizando-se a modalidade escrita da língua. Contudo, os pesquisadores que o empregavam observaram que os resultados poderiam ser falseados, visto que a pessoa que respondia ao *DCT* tinha tempo para reformular sua resposta, e, dessa forma, não havia uma reação natural à situação. Assim, estudos recentes, como o de

⁹ Contexto de não imersão: local onde se ensina um idioma que não é aprendido como língua materna. Exemplo: ensino de português em país de língua espanhola.

Almeida (2007), apontam outra proposta de coleta de dados, utilizando a modalidade oral da língua, sendo o *corpus* inicialmente gravado e posteriormente transcrito.

Em sua tese de doutorado, Almeida (2007) menciona a grande dificuldade que alguns estudiosos encontram em realizar pesquisas com atos de fala, pois eles acreditam que a melhor forma de coleta seria capturar a produção espontânea de tais atos, uma vez que a presença do pesquisador, bem como a própria situação de pesquisa em si, já interferiria na reação do informante. Sobre o *DCT*, a autora menciona também que

essa metodologia para coleta de dados vem sendo empregada com sucesso pelos pesquisadores do *Cross Cultural Speech Act Realization Project* (CCSARP) que, segundo Rose (1992), representa o que há de mais desenvolvido em termos de pesquisa a respeito de atos de fala. O *DCT* tem sido apontado como um instrumento que nos dá a possibilidade de obter uma grande quantidade de dados em um curto espaço de tempo e em contextos em que a observação pode ser difícil (Lorenzo-Dus 2001; Rose, 1992; Márquez Reiter, 2000). Além disso, Billmyer e Varghese (2000) consideram-no de fácil manuseio tanto por parte do pesquisador quanto por parte do participante. Ademais, as situações fornecem um contexto controlado para a realização dos atos de fala e sua coleta. (ALMEIDA, 2007: 99)

Nas situações elaboradas para comporem o *DCT*, faz-se necessário deixar claras as informações contextuais em que tal enunciado deverá ser realizado. A composição do cenário e da cena em que ocorrerá a interação é de fundamental importância para as escolhas linguísticas que serão feitas pelo falante. Questões como o nível hierárquico entre os participantes da interação, tipo de relação entre eles, local onde a enunciação ocorre, e, sobretudo, o propósito comunicativo do enunciado são fundamentais para o posicionamento do falante na situação, e, conseqüentemente, para os resultados da pesquisa.

Assim, aqui se optou por usar o *DCT* como método de coleta de dados. Foram elaboradas quatorze situações que possibilitariam aos informantes elicitarem atos de ordem e pedido. O quadro com algumas situações utilizadas no estudo vai a seguir.

1. Você foi convidado(a) para uma festa no fim de semana e precisa comprar uma roupa para usar nesse dia. Você decide ir ao <i>shopping</i> e, chegando à loja de sua preferência, a vendedora dirige-se a você e pergunta: - <i>Boa tarde, em que posso ajudar? Você diz:</i> [prestação de serviço – superior]
2. Você é aluno de um curso de português e tem aulas particulares em seu local de trabalho. No dia anterior à sua aula, você constata que precisa marcar uma reunião exatamente no horário em que costuma ter a sua aula de português. Você, então, decide ligar para a sua professora para desmarcar a aula e agendar novo horário. Você telefona para ela e diz: [prestação de serviço – superior]
3. Você tem um filho pequeno, de três anos, que não gosta de comer verduras. Você já não sabe mais o que fazer para que a criança se alimente de forma saudável. Depois de você fazer o prato para ele, <i>você diz:</i> [familiar – superior]
4. Você é funcionário(a) de uma empresa brasileira há muitos anos. Você é e sempre foi um(a) funcionário(a) dedicado(a) ao trabalho e à empresa, e acredita que merece receber um aumento de salário. Você então resolve conversar com o seu chefe sobre o assunto, e para isso você marca com ele uma reunião. Na hora da reunião, ele então pergunta a você: <i>e então, sobre o que você quer falar? Você então responde:</i> [trabalho – inferior]
5. Chegou o dia do pagamento das contas de casa e você está sem tempo para ir ao banco. Seu marido (ou sua esposa) está com o dia menos ocupado que o seu e você quer que ele (ou ela) pague as contas. Antes de sair de casa, <i>você fala:</i> [família – igual]
6. Você é funcionário de uma empresa aérea brasileira e faz o <i>check in</i> dos passageiros. Você está atendendo um cliente. Depois de todo o procedimento de identificação e escolha do lugar no avião, o passageiro continua com a bagagem na mão. Você precisa fazer com que ele coloque a bagagem na esteira, para ser despachada. Ele então pergunta a você: - <i>É só isso? Preciso fazer mais alguma coisa? Você diz:</i> [prestação de serviço – inferior]
7. Você tem um filho adolescente que não gosta de ajudar nas tarefas domésticas, nem de fazer os deveres da escola. Você decide mudar essa situação e quer que ele arrume o quarto e faça as tarefas do colégio. Então, quando ele está jogando no computador, <i>você fala:</i> [família – superior]

Quadro 2.1: Algumas situações do DCT

Como já foi mencionado, informações sobre a cena são de fundamental relevância para as escolhas feitas pelo falante, e, dessa forma, para a presente pesquisa buscou-se considerar, no que diz respeito ao contexto de enunciação, os seguintes aspectos: (i) o contexto em que ocorre a enunciação – tipo de relação entre os participantes; (ii) o grau de formalidade; e (iii) o nível hierárquico entre os participantes. Abaixo, o quadro com a distribuição desses fatores nas situações utilizadas para a pesquisa.

Contexto da enunciação	Nível hierárquico	Situações no DCT
Prestação de serviço	Superior	1, 2, 11
Prestação de serviço	Inferior	6
Sala de aula	Superior	13
Sala de aula	Inferior	8
Família	Superior	3, 7
Família	Inferior	10
Família	Igual	5
Trabalho	Superior	12, 14
Trabalho	Inferior	4
Trabalho	Igual	9

Quadro 2.2: Aspectos envolvidos nas situações do DCT

Os gráficos 2.1 e 2.2 oferecem uma melhor visualização das situações comunicativas utilizadas no *DCT*, no tocante ao nível hierárquico dos papéis comunicativos que o informante deveria assumir, e ao tipo de relação que deveria existir entre falante e ouvinte. Os dados foram organizados de forma quantitativa em que o todo, 100%, representa o total de situações utilizadas no teste, no caso quatorze.

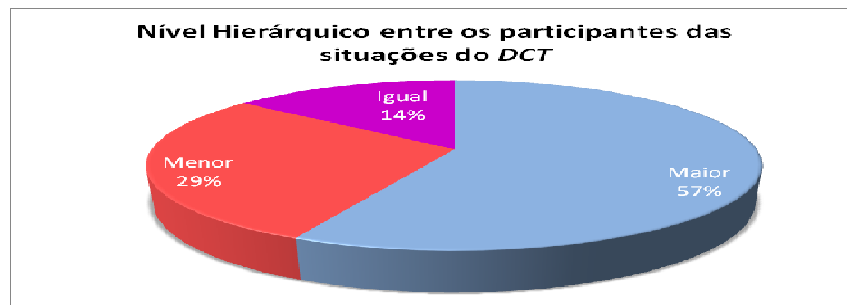


Gráfico 2.1: Relação hierárquica entre os papéis comunicativos no *DCT*

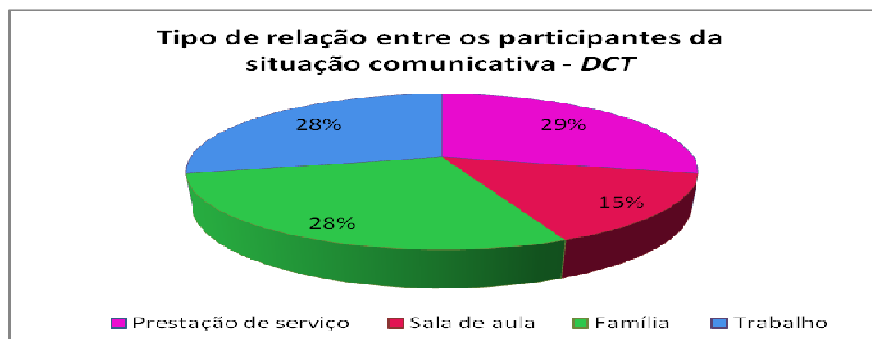


Gráfico 2.2: Tipo de relação interpessoal entre os participantes das situações comunicativas no *DCT*

2.2 PERFIL DOS INFORMANTES

Para a composição do banco de dados de língua oral que seria utilizado no estudo, houve a participação de seis alunos do curso de português para estrangeiros destinado aos estudantes que vêm de universidades de diversos países para cumprir uma etapa de seus cursos de graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse curso é oferecido como disciplina da graduação da Faculdade de Letras e ministrado por professores do Departamento de Letras Vernáculas, Setor de Português Língua Estrangeira (SePLE). Os alunos que frequentavam o curso eram oriundos de universidades européias com as quais a UFRJ tem convênios de intercâmbio, e estavam no Brasil para cumprir o último ano de seus cursos de graduação, parte que inclui estágios e é obrigatório que seja realizado fora de seu país de origem. Para eles, o curso de português é disciplina obrigatória, que conta créditos para a conclusão da etapa brasileira de seus cursos universitários. Contudo, na turma entrevistada havia uma aluna que fugia do perfil do grupo, pois estava nos últimos meses do seu curso de pós-graduação em saúde pública, que realizava no Centro de Ciências da Saúde, também da UFRJ. Para ela, o curso de português não era obrigatório, e ela o realizava para melhorar seu conhecimento sobre a língua. Vale ressaltar que tal aluna não faz parte do perfil dos alunos a quem o curso de intercambistas é direcionado.

A coleta de dados foi realizada nas dependências da Faculdade de Letras da UFRJ, durante o mês de julho de 2008, período em que os alunos concluíam o nível intermediário do curso de português para estrangeiros. Esses informantes eram de nacionalidades francesa e alemã, estavam no Brasil há pelo menos seis meses e conviviam diariamente com brasileiros, tanto em seus cursos universitários quanto em suas relações pessoais.

Dentre os informantes, havia estudantes dos seguintes centros de estudo da UFRJ e respectivos cursos: CT (Centro de Tecnologia – Curso de Engenharia), CLA (Centro de Letras e Artes – FAU, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Curso de Arquitetura), CCS (Centro de Ciências da Saúde – Pós-graduação em Saúde Pública) e CFCH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas – IFCS, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Curso de Sociologia). Cinco dos informantes já tinham morado em outros países antes de virem para o Brasil, mas não especificaram quais ao responderem sobre isso no questionário, e todos falavam outras línguas estrangeiras, sobretudo o inglês, o que pode ser observado com maiores detalhes nos gráficos 2.3 e 2.4. É importante não perder de vista que havia quatro informantes de nacionalidade francesa e dois de nacionalidade alemã, e é sobre esses valores que se calculou o percentual dos gráficos. Não é possível mensurar o grau de proficiência dos

informantes em relação às línguas estrangeiras indicadas por eles, uma vez que não foi feita uma avaliação, de qualquer natureza, que fornecesse tal dado. Três deles (dois franceses e um alemão) já haviam estudado português em seus países de origem antes de iniciarem o curso na UFRJ.

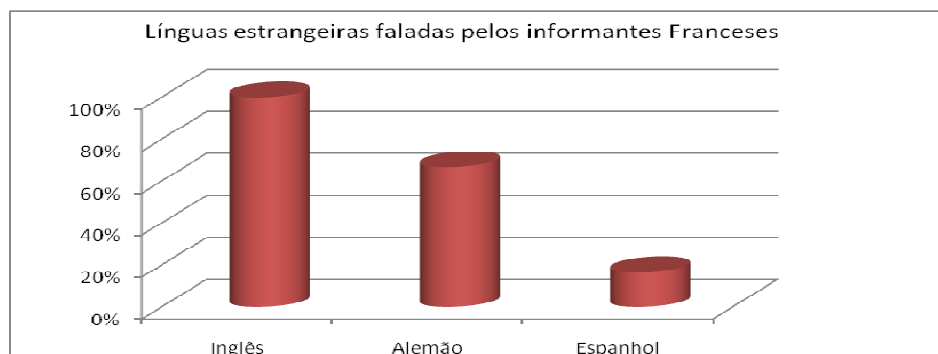


Gráfico 2.3: Línguas estrangeiras, além do português, faladas pelos informantes franceses



Gráfico 2.4: Línguas estrangeiras, além do português, faladas pelos informantes alemães

Vale mencionar que todos relataram ter o português como principal língua de comunicação no Brasil, já que moravam em apartamentos compartilhados com outras pessoas de nacionalidades distintas das suas, incluindo brasileiros. Nesse caso, a língua comum era o português, o que era o fato determinante para a imersão na língua estrangeira que estava sendo aprendida. Alguns alunos comentaram, inclusive, que não conseguiam mais raciocinar nas outras línguas estrangeiras que já tinham estudado, pois o português “tomava todo o espaço”, como relatou uma das informantes de nacionalidade alemã.

2.3 COLETA E ARMAZENAMENTO DOS DADOS

Os dados de língua oral foram coletados em um gravador digital (da marca Sony, modelo ICD-P520), em formato .WAV, e armazenados no computador para posterior análise

acústica no programa computacional PRAAT, um *software* para análise de fala desenvolvido por Paul Boersma e David Weenick.¹⁰ Neste programa, é possível fazer análise de vários aspectos da produção oral, bem como realizar síntese de fala. Neste trabalho, esse recurso analítico é de grande importância, já que a curva entonacional produzida pelos aprendizes de PLE e gerada pelo PRAAT poderá ser comparada às curvas típicas para ordem e pedido no português do Brasil, apontadas por Moraes (2008), de forma a identificar possíveis desvios.

Após serem armazenados, os dados de produção oral foram transcritos ortograficamente com o uso do programa de texto *Word for Windows*, onde foram catalogados e novamente armazenados. Depois dessa etapa, foi realizada uma análise das escolhas linguísticas utilizadas pelos informantes, considerando o contexto pragmático de cada uma delas. Para isso, usou-se o programa *MonoconcPro*, descrito a seguir:

um programa desenvolvido por Michael Barlow, do Departamento de Linguística da Universidade de Rice. (...) Com esse programa é possível, a partir de um determinado *corpus*, realizar tarefas como: criar listas de palavras em ordem alfabética ou por frequência de emprego; gerar produção de concordâncias [*concordance*] e obter informação sobre colocações [*collocation*]. (ALMEIDA, 2007: 108)

Para a organização e identificação dos dados, atribuiu-se a cada informante um número, e na transcrição desses dados, combinava-se o número do informante ao da situação do DCT, de forma que um dado identificado com o número 02_07 corresponde ao informante de número 02 e à situação 07.

2.4 TESTE DE PERCEPÇÃO

Após a primeira análise de cunho formal das sentenças que compõem o *corpus*, foram selecionadas trinta e quatro produções classificadas gramaticalmente como ordens e pedidos. Essas produções foram acessadas no PRAAT de forma a permitir sua segmentação para isolar apenas as sentenças nucleares dos atos de fala que constituem o foco desta pesquisa, à exclusão dos trechos correspondentes, por exemplo, à justificativa e à preparação dos referidos atos, bem como de qualquer outro elemento periférico, incorporado ao ato comunicativo.

As segmentações selecionadas foram numeradas e organizadas em sequência. Posteriormente, foram avaliadas por 20 juízes que as identificavam como ordem, pedido ou

¹⁰ O programa PRAAT está disponível gratuitamente na página www.praat.org.

enunciado de outra natureza, neste último caso, especificando por escrito o tipo de ato de fala em que julgavam que o referido enunciado se enquadrava. Dentre as opções feitas por eles sob o rótulo “outros”, destacam-se a pergunta e o desejo.

A primeira rodada de testes foi aplicada na cidade de Volta Redonda, interior do estado do Rio de Janeiro¹¹, e a segunda na cidade do Rio de Janeiro, por ser a capital estadual. O teste de percepção foi aplicado em dois grupos: universitários e profissionais de nível superior da cidade de Volta Redonda e do Rio de Janeiro, tendo como principal critério para seleção dos juízes (pessoas selecionadas para ouvirem as gravações e responderem ao questionário, indicando qual ato de fala o falante estrangeiro realizaria em casa situação comunicativa, usando a língua portuguesa) o nível de instrução. Os juízes eram pré-selecionados por se adequarem ao critério já mencionado, independente do sexo e da idade, e assim houve juízes de ambos os sexos, com faixa etária que vai dos 19 aos 65 anos.

O teste de percepção ora descrito foi de fundamental relevância para os resultados que serão apresentados, pois serviu de base para identificar os tipos de atos de fala a serem analisados no PRAAT para obtenção dos contornos melódicos referentes a cada um dos enunciados. Tal procedimento é o cerne do estudo, pois através da análise dos parâmetros acústicos fornecidos pelo PRAAT é que se determinam as características das curvas entonacionais que acompanham a enunciação das sentenças do *corpus* consideradas majoritariamente como ordem ou pedido pelos juízes, para, em seguida, compará-las às curvas descritas por Moraes (2008) como prototípicas destes atos de fala, com vistas a identificar pontos de semelhança e de divergência. Espera-se, também, verificar em que medida os aspectos prosódicos atuantes na produção do ato de fala interferem na sua interpretação.

Das 34 sentenças submetidas aos juízes, foram selecionadas onze para análise da curva entonacional. Os critérios para seleção dessas onze sentenças foram: (i) obterem mais de 90% de respostas semelhantes no teste de percepção; (ii) terem sido identificadas, pelos juízes, com mais de 50% de desvio do ato de fala originariamente pretendido – como o caso das ordens identificadas por mais de 50% dos juízes como sendo pedido; e (iii) serem identificadas erroneamente como um mesmo ato de fala, diferente dos que estão em foco na pesquisa – é o caso dos pedidos identificados, pelos juízes, como afirmação ou pergunta. A análise dos dados obtidos será o alvo da próxima seção.

¹¹ A primeira rodada de testes de percepção foi realizada na cidade de Volta Redonda (RJ) em razão da autora do presente estudo, durante a fase de aplicação dos testes, residir em tal cidade.

3. INTERPRETAÇÃO DE ORDEM E PEDIDO SOB A ÓTICA DA PERCEPÇÃO

Do universo de eliciações produzidas por falantes não nativos de português na aplicação do *DCT*, primeiramente foram segmentadas no programa computacional PRAAT, como já mencionado (cf. seção 2), quatorze sentenças com marcas morfossintáticas de ordem e vinte com marcas morfossintáticas de pedido. Em seguida, essas sentenças foram submetidas à avaliação dos juízes, constituindo-se, assim, o teste de percepção.

Das quatorze eliciações de ordens, dez foram identificadas corretamente pela maioria dos juízes do teste de percepção (mais de 50%), enquanto quatro tiveram outro tipo de classificação. Dos pedidos, dezessete das vinte eliciações definidas como tal obtiveram êxito em sua identificação, sendo classificadas pela maioria dos avaliadores como sendo o ato de fala em questão, enquanto apenas três desviaram do objetivo. Nota-se, através dos números, que a quantidade de desvios é equivalente nos atos de fala estudados, não havendo um que se destaque pela maior regularidade de identificação. Tais informações é o que demonstra o quadro 3.1

Alvos (atos de fala produzidos)	Total (34 sentenças avaliadas no teste de percepção)	Acertos (>50 % de identificação com o ato alvo)	Desvios (<50 % de identificação com o ato alvo)
Ordem	14	10	4
Pedidos	20	17	3

Quadro 3.1: Resultado do teste de percepção no que diz respeito à identificação dos atos de fala em estudo.

Das quatorze ordens dos testes de percepção, dez foram produzidas por mulheres, e apenas quatro foram proferidas por homens. Tendo em vista que, entre os informantes entrevistados na elaboração do *DCT*, 50% eram do sexo feminino e 50% do masculino, observa-se claramente que há, no *corpus*, maior facilidade por parte das mulheres na produção de ordens. Desse modo, embora a variável sexo não tenha sido relevante com relação aos juízes na fase de percepção, ela foi relevante para os informantes na fase de produção. O quadro 3.2 mostra os números referentes à produção e à percepção de ordem e pedido considerando o sexo dos informantes.

Sexo (dos produtores dos atos de fala avaliados)	Total (14 ordens presentes no teste de percepção)	Acertos (>50 % de identificação com o ato alvo - ordem)	Desvios (<50 % de identificação com o ato alvo - ordem)
♀ Mulheres	10	7	3
♂ Homens	4	3	1

Quadro 3.2: Resultado das fases de produção e percepção no que diz respeito ao sexo dos informantes - ordens.

Em relação ao ato de fala pedido, observa-se que a diferença de produção tendo como base o sexo do informante não representa uma informação relevante, tendo em vista que onze elicitacoes foram produzidas por homens e nove, por mulheres. O quadro 3.3 demonstra a diferença de produção dos pedidos entre os sexos e deixa evidente a pouca diferença absoluta que há entre eles. Tais números indicam a preferência de ambos os sexos por determinado ato de fala, no caso o pedido, quando o objetivo é levar o falante a produzir uma ação, e é o que demonstra o quadro 3.3, quando comparado ao quadro 3.2.

Sexo (dos produtores dos atos de fala avaliados)	Total (14 ordens presentes no teste de percepção)	Acertos (>50 % de identificação com o ato alvo – ordem)	Desvios (<50 % de identificação com o ato alvo - ordem)
♀ Mulheres	9	8	1
♂ Homens	11	9	2

Quadro 3.3: Resultado das fases de produção e percepção no que diz respeito ao sexo dos informantes - pedidos.

Tratando especificamente do teste de percepção, as 34 sentenças foram submetidas à avaliação de 20 juizes, totalizando, assim, 680 dados para análise. Desses, 29,41% foram identificados como ordem, 55,74% como pedidos e 14,85% como outros atos de fala, como pode ser verificado no quadro 3.4. Esses números corroboram o que já se percebera na aplicação do *DCT*, a preferência pela produção de pedidos. Contudo, indicam também que apenas marcas morfossintáticas não são suficientes para a caracterização dos atos de fala pesquisados; caso contrário, não haveria incidência de “outros”. Isso leva ao próximo passo da pesquisa, que é o de identificar possíveis características de cunho suprasegmental dos enunciados, que os aproximem ou distanciem do padrão proposto por Moraes (2008) para ordens e pedidos.

	Total bruto de dados	Ordem	Pedido	Outros
Números absolutos	680	200	379	101
Percentual	100%	29,41%	55,74%	14,85%

Quadro 3.4: Total de dados obtidos através do teste de percepção e sua identificação pelos juízes.

Como já foi mencionado na seção 2, era dada aos juízes a possibilidade de especificarem o ato de fala compreendido quando eles avaliavam que a enunciação não se tratava nem de ordem nem de pedido. Essa era uma resposta aberta, podendo se tratar de qualquer ato de linguagem que ocorresse ao juiz. Ainda assim, de 101 sentenças não identificadas como ordem ou pedido, 82 – 81,2% – foram avaliadas como afirmação, pergunta ou desejo e apenas 19 – 18,8% – receberam outros rótulos. Esses atos de fala estão elencados na tabela 3.5. Uma possível explicação para tal fato será abordada mais adiante nesta seção, quando será mostrada a análise acústica das sentenças mais relevantes para o presente estudo.

ATOS DE FALA MENCIONADOS	OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
<u>Afirmação</u>	38	37,6%
<u>Pergunta</u>	23	22,8%
Ameaça	6	5,9%
Sugestão (conselho)	7	6,9%
Necessidade	3	3%
<u>Desejo</u>	21	20,8%
Explicação	3	3%
TOTAL	101	100%

Quadro 3.5: Resultado do teste percepção no que diz respeito aos enunciados percebidos como ‘outros’.

3.1 A RELAÇÃO ENTRE A PROSÓDIA E A INTERPRETAÇÃO DOS OUVINTES

No que diz respeito à pesquisa dos atos de fala relacionados à área de ensino de português como língua estrangeira, inclusive pedido e ordem, muito tem sido estudado¹². Não obstante, não se pode deixar de observar que o principal objeto de análise é o aspecto formal dos atos de fala.

Considerando a pronúncia como um dos focos relevantes no ensino de língua estrangeira, e que a prosódia constitui um dos seus principais problemas, entende-se que observar apenas o nível formal do processo comunicativo não é o suficiente para o sucesso do processo ensino – aprendizagem. Dessa forma, esta pesquisa lança um olhar sobre o nível suprasegmental dos atos de fala ordem e pedido, e, para tanto, pretende analisar acusticamente os enunciados percebidos pelos juízes no teste de percepção realizado, buscando identificar características e semelhanças entre os atos de fala estudados e seus padrões para o português do Brasil, embasado no trabalho de Moraes.

Esse pesquisador, em seu artigo publicado em 2008, realiza uma breve descrição de quatorze contornos melódicos do português brasileiro, na variante carioca. O autor utiliza o recurso da ressíntese de fala a fim de tentar identificar quais as características prosódicas são realmente contrastivas e quais são consideradas alofônicas. A análise dos dados é feita com base na teoria autosegmental e métrica (AM).

As sentenças utilizadas para compor o *corpus* do estudo de Moraes foram elaboradas em laboratório, levando em conta a tonicidade das palavras e o número de sílaba dos enunciados, e foram reproduzidas por uma informante carioca, do sexo feminino. As frases eram contextualizadas, para ambientar o falante a produzi-las com a entonação desejada de acordo com o contorno melódico a ser investigado. Posteriormente as frases foram submetidas a teste de audição em que ouvintes identificavam que tipo de sentença estava sendo produzida (asserção, pergunta total, dentre outros).

Em uma nova etapa de seu estudo, Moraes modificou o contorno declarativo das sentenças, utilizando o programa computacional PRAAT, mantendo as categorias dos enunciados originais. Com esse procedimento, o pesquisador obteve 105 novas sentenças que foram submetidas a novo teste de audição, visando a verificar em que medida as alterações influenciam na interpretação dos ouvintes, e se uma determinada característica prosódica

¹² Conferir pesquisas realizadas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, dentre as quais podem-se citar trabalhos de mestrado e doutorado de LE BERRE (2007) e ALMEIDA (2007).

determina ou influencia a interpretação, isoladamente ou junto com outros elementos prosódicos.

I. Ordens

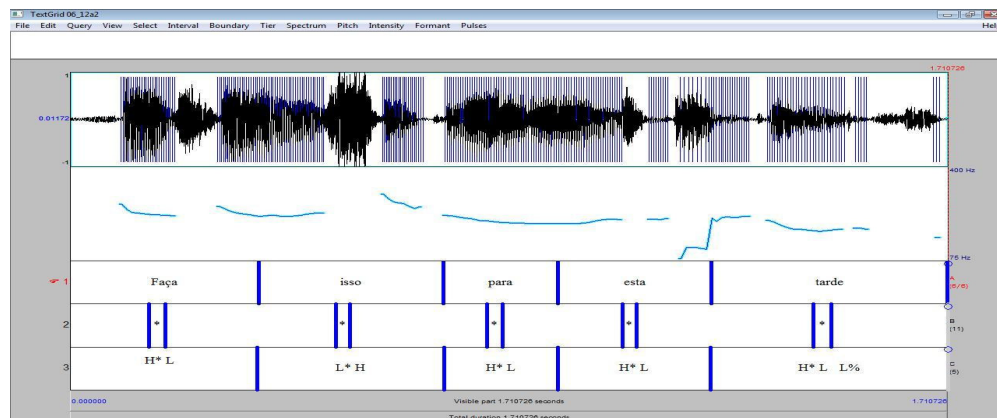


Figura PRAAT 1 – Ordem 1

A frase “Faça isso para essa tarde” (Figura PRAAT 1) apresentou 100% de identificação como ordem, contudo sua curva entonacional não se aproxima do padrão proposto por Moraes (2008) para tal ato de fala. A frase se inicia com um ataque alto, bitonal, segundo a AM¹³, H*L, e termina de uma forma semelhante ao definido como asserção ou “*statement*” (cf. na subseção II. c), com uma queda na F0, configurando-se H*L, com tom de fronteira L%. Entretanto, Moraes afirma que o contorno melódico de ordem é similar ao de asserções, podendo, no entanto, constituir-se entre eles um par mínimo. O que vai diferenciá-los é o seu acento nuclear, e, segundo Moraes (2008: 03),

“the similarity of contours and the absence of such possible “minimal pairs” lead us to consider that these pre-nuclear accents are allophonic variants of the same /H+H/ accent, that is, that there is a phonological identity between the patterns of command and wh-question, which in turn contrast with the patterns of the statement by its prenuclear accent”.*

A similaridade em foco é o que pode ser considerado como fator de identificação das asserções como ordens por 100% dos juízes.

¹³ AM: Teoria Autossegmental e Métrica.

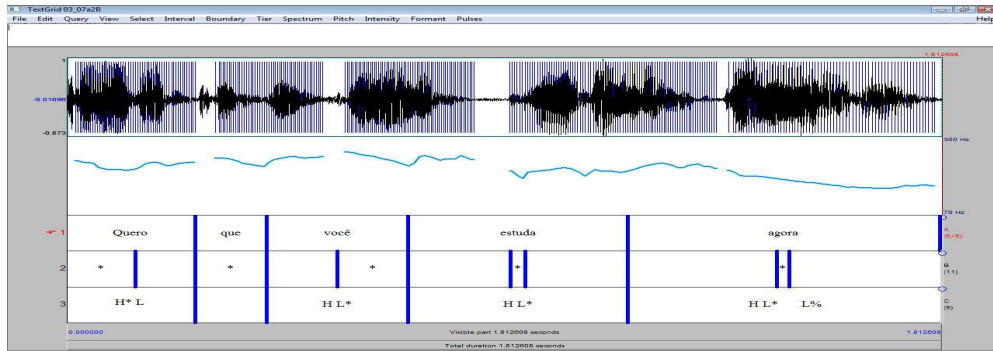


Figura PRAAT 2 – Ordem 2

Já em “Quero que você estuda agora” (figura PRAAT 2) há um contorno melódico semelhante ao da primeira sentença, iniciado com um ataque alto, ou seja, a primeira sílaba tônica da frase está em um nível superior ao do restante do enunciado. Essa proeminência, que se configura em H*L, leva a um declínio no final do enunciado HL* com um tom de fronteira L%. Esse desenho também se aproxima da curva melódica de uma asserção. Dessa forma, os dados indicam que as curvas entonacionais dos enunciados com mais de 95% de identificação como ordem, consideradas assim os protótipos desse ato de fala, não possuem *stricto sensu* uma curva melódica semelhante ao padrão de ordem definido por Moraes (2008), mas se assemelham ao de uma asserção.

Dessa forma, nos dados, o padrão de ordem seria: frase iniciada por ataque alto – H*L com declínio de curva melódica na última sílaba, sendo ela pós-tônica, com um tom de fronteira L%.

II. Pedidos

A curva entonacional apresentada por Moraes (2008) como sendo característica dos pedidos ou *requests* apresenta, em seu contorno melódico, a sílaba pré-acentuada em nível baixo, uma subida na sílaba tônica final e descida na pós-tônica, como nas interrogativas totais neutras (“*Yes-no question neutral*”). No entanto, o pico da F0, na última sílaba acentuada - tônica - está localizado no começo da vogal, não no final, o que leva a configuração intrassilábica a uma queda. Dois pontos distinguem as interrogativas totais dos pedidos, de acordo com Moraes (2008): (i) – “a descida final nos contornos dos pedidos atinge menor nível do que nas interrogativas totais neutras”; e (ii) - a primeira sílaba tônica está localizada em um nível mais alto nos pedidos que no caso das interrogativas totais neutras, a exemplo do que ocorre com as interrogativas parciais.

Fonologicamente os pedidos apresentam uma curva melódica interna à última sílaba acentuada, o que os distingue do padrão das interrogativas totais neutras. O alinhamento do pico da F0 está, dessa forma, incorporado na representação proposta para contorno do acento nuclear - L>H* L - no primeiro terço da sílaba.

a) Requests

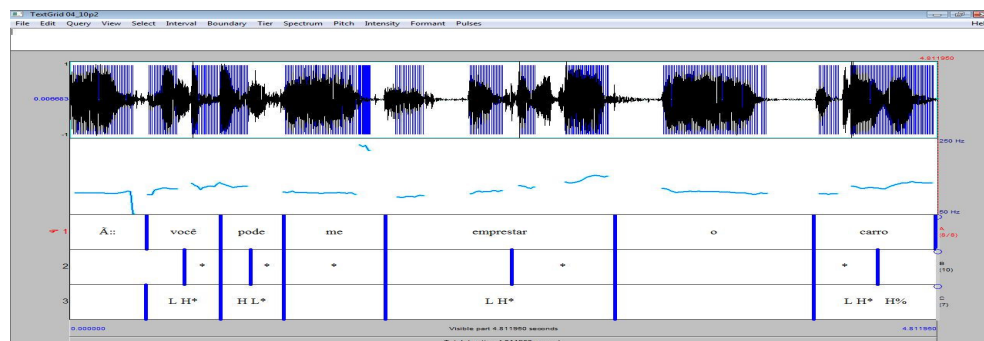


Figura PRAAT 3 – Request 1

A frase “A.: você pode me emprestar o carro”, que pode ser observada pela curva entonacional acima, foi identificada por 100% dos juízes como sendo um pedido. Sua curva melódica termina em direção ascendente possuindo a configuração da palavra final em LH*, alinhado no primeiro terço da sílaba, na tônica, e tom de fronteira H%. Tal desenho assemelha-se com a proposta de Moraes (2008) para tal ato de fala.

Essas mesmas características são observadas nas curvas melódicas das figuras 4 e 5 geradas pelo PRAAT. A diferença no contorno entonacional que elas apresentam é em relação à posição do acento tônico final, pois em “Você poderia repetir” tem-se tom baixo (L) na sílaba tônica final, enquanto que em “Eu queria um vinho verde” a tônica final apresenta tom alto (H). Tal diferença pode ter ocorrido devido ao número de sílabas e pauta acentual das palavras finais das sentenças em análise: *verde* é dissílaba e paroxítona, enquanto *repetir* é trissílaba e oxítona. Tais sentenças foram identificadas pelos juízes com 95% e 90% de acerto, ou seja, quase 100% das pessoas submetidas ao teste de percepção entenderam tais enunciados como sendo o ato de fala pedido.

Pode-se então considerar que a entonação, nas frases analisadas na categoria de pedido, foi aspecto decisivo na sua identificação como tal, uma vez que não há semelhança de cunho morfossintático entre as sentenças. Embora as estruturas sejam caracterizadoras do ato de fala pedido (poder + verbo principal / futuro do pretérito + verbo principal / imperfeito do indicativo), não se pode deixar de considerar que o aspecto comum às três sentenças são suas

curvas melódicas, que formam o mesmo contorno e apresentam as mesmas características no que diz respeito ao acento tonal. Assim, quanto à forma estrutural, não apresentam as semelhanças (cada frase é estruturada morfofossintaticamente de formas distintas, embora as três sejam características de pedidos) que existem no que diz respeito à entonação.

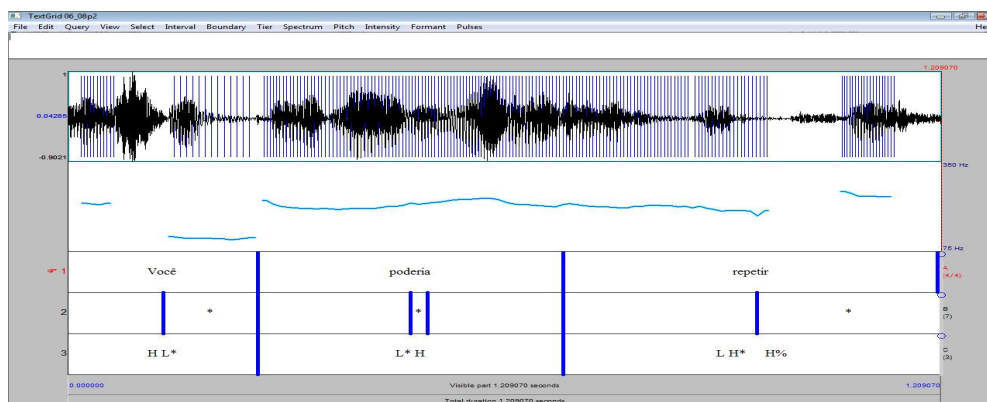


Figura PRAAT 4 – Request 2

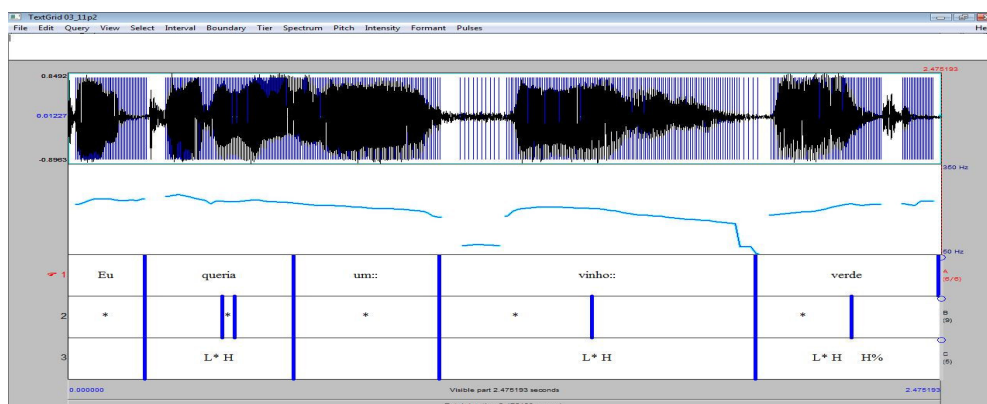


Figura PRAAT 5 – Request 3

b) Interrogativa total neutra

Há uma grande proximidade entre o contorno melódico do ato de fala pedido e dos enunciados identificados por Moraes (2008) como interrogativas totais, conforme o próprio autor já apontara antes¹⁴. Para distinguir as duas curvas melódicas, a questão do alinhamento acentual da sílaba tônica é de fundamental relevância. Nos pedidos, o alinhamento ocorre no primeiro terço, ou seja, no início da sílaba tônica. Já em interrogativas totais neutras, ele se dá na margem direita da vogal acentuada, ou seja, a dois terços da tônica, na sua porção final.

Contudo, não houve diferença de percepção por parte dos juízes em relação à identificação como pedido das interrogativas totais neutras, sendo que, das quatro curvas

¹⁴ Cf. MORAES & COLAMARCO, 2007

caracterizadas como tal, duas (“Você pode me emprestar o carro” e “Você poderia repetir ou explicar de novo”) foram identificadas por 100% dos juízes como pedido. Já as demais frases (“Você poderia marcar uma reunião pra mim na sexta-feira” e “Pode me emprestar o carro no fim de semana”) tiveram o percentual de identificação como pedido em 90% e 95%, respectivamente.

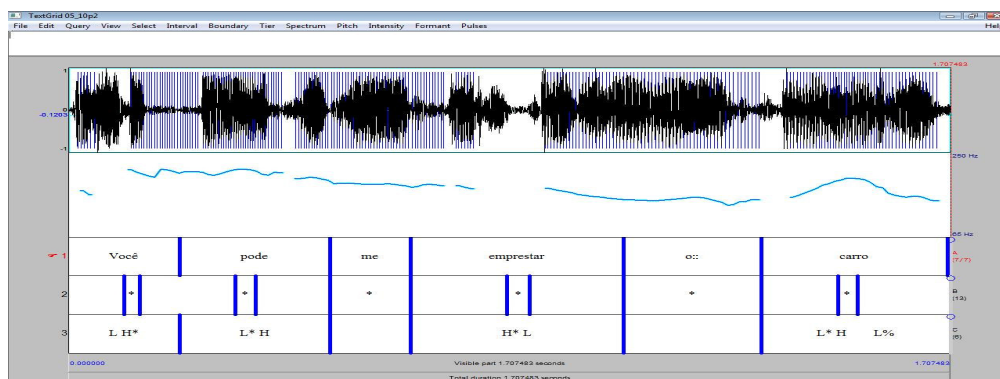


Figura PRAAT 6 - *Yes-no question neutral 1*

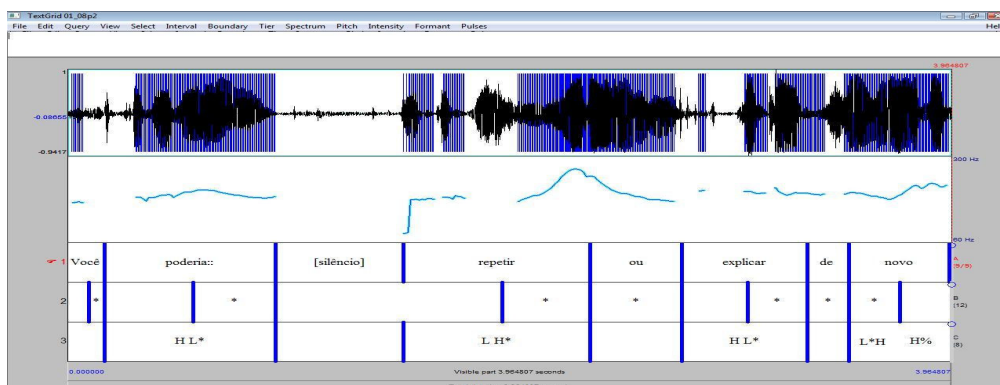


Figura PRAAT 7 - *Yes-no question neutral 2*

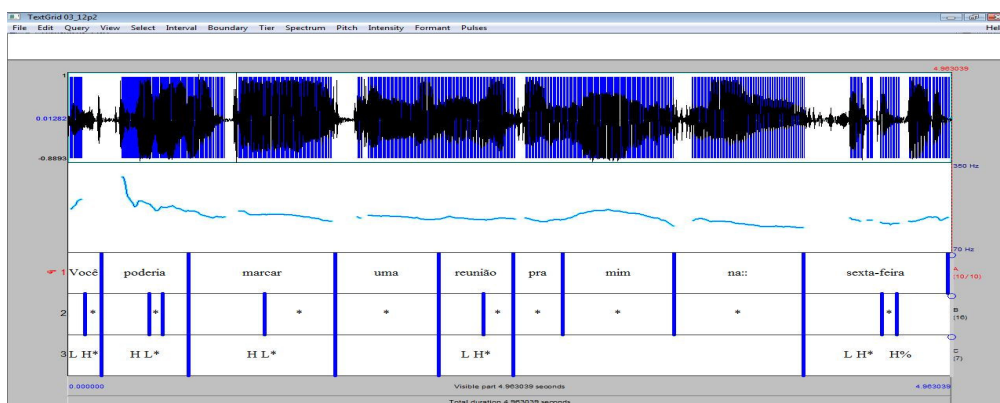


Figura PRAAT 8 - *Yes-no question neutral 3*

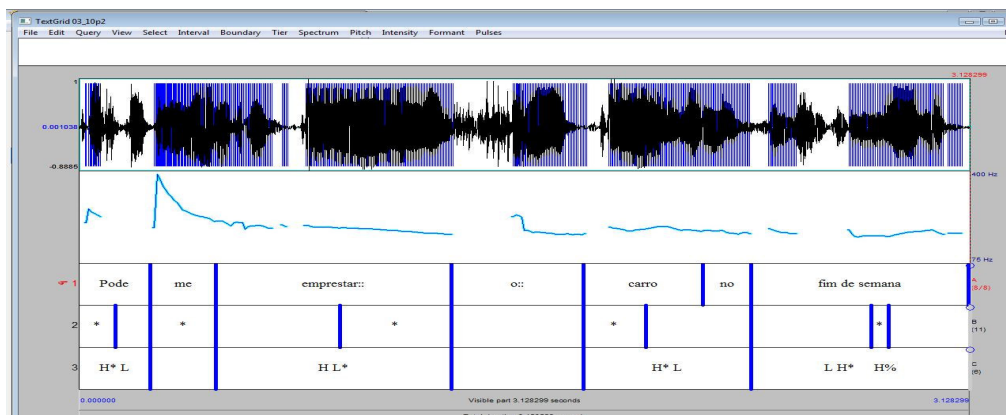


Figura PRAAT 9 - Yes-no question neutral 4

No caso de 'Figura PRAAT 7' ocorre um período composto por orações coordenadas. Há uma queda da F0 na fronteira das orações com um alongamento do conectivo 'ou'. Nesse enunciado observa-se ainda uma pausa não preenchida, que não parece ter influenciado nos resultados. Há um movimento descendente ascendente na última palavra do enunciado, onde se localiza a sílaba tônica final. Já nas 'Figuras PRAAT 8 e 9', que refletem produções que obtiveram 90% e 95% de identificação como pedido pelos juízes, observa-se um tom alto (H) na sílaba tônica, mantendo-se até o fim do enunciado, com tom de fronteira H%.

Somente na 'Figura PRAAT 6', correspondente a 100% de identificação como pedido, observa-se um movimento ascendente descendente, com subida na pós-tônica, seguida de queda com tom de fronteira L%. Como o alinhamento da sílaba acentuada acontece próximo à margem direita, tal enunciado enquadra-se no padrão descrito por Moraes (2008) para interrogativa total neutra. O movimento ascendente descendente deve ter sido fator determinante para sua identificação como pedido por todos os informantes do teste de percepção.

c) Asserção

Em geral, o enfoque do contorno melódico em frases definidas por Moraes como asserções ("statements") dá-se em função do acento pré-nuclear. Contudo, tal desenho irá aproximar sua curva daquelas características de frases definidas como interrogativas disjuntivas ("alternative questions"), sendo assim variantes alofônicas, com um contorno /L*H/ ou /LH*/. Para solucionar tal impasse, Moraes (2008) propõe que seja considerado para as asserções o acento nuclear, e não mais o pré-nuclear. Dessa forma, há um movimento descendente entre a sílaba pré-tônica e a tônica, com a representação bitonal /HL*/ , seguida por um tom de fronteira L%.

As características de asserção estão presentes, como já mencionado, na configuração das eliciações identificadas pelos juízes como ordens; contudo, essas possuem uma peculiaridade, iniciam-se com uma palavra em que há um ataque silábico alto. No caso das sentenças identificadas como pedido e que apresentam comportamento de asserções, a palavra que inicia a frase possui um ataque baixo, sendo essa a principal marca prosódica que permite distinguir, neste caso, o ato de fala ordem ou pedido.

Na sentença observada na 'Figura PRAAT 10', fica nítida a altura em que a F0 inicia a frase, um nível baixo em relação à sílaba que a segue. Observa-se que há uma pausa preenchida (a::) por uma vogal, que, não obstante, nessa frase não demonstra influência nos resultados do teste de percepção, a exemplo do que ocorreu na sentença correspondente à 'Figura PRAAT 3'. O enunciado abaixo foi identificado por 90% dos juízes como sendo um pedido, e 5% como ordem. A justificativa para essas duas classificações pode ser a semelhança entre as curvas melódicas de tais atos de fala, que se diferenciam pelo seu ataque, alto para ordens e baixo para asserção.

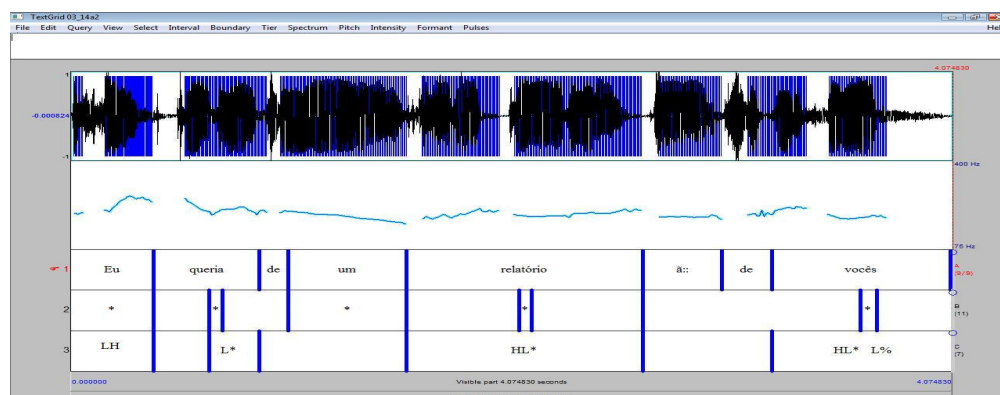


Figura PRAAT 10 - Asserção 1

Na 'Figura PRAAT 11', tem-se um período composto por coordenação, em que há uma relação de adição entre as duas orações, e o pedido está concentrado na primeira oração. Nela observa-se um comportamento semelhante ao do enunciado acima, tendo início com uma sílaba em nível baixo da F0. Contudo, a segunda oração começa por um ataque alto, o que caracteriza o ato de fala ordem, tratando-se assim de um enunciado misto.

Esse ato de fala foi identificado por 90% dos juízes do teste de percepção como sendo pedido e por 10% como se tratando de uma ordem. Percebe-se, assim, que o caráter duplo da sentença influenciou a compreensão dos ouvintes, levando-os a focar em um dos atos de fala presentes no enunciado, de acordo com o seu comportamento entonacional, o que poderia

levá-los a um equívoco de compreensão, e gerar, assim, um ruído na comunicação entre os falantes.

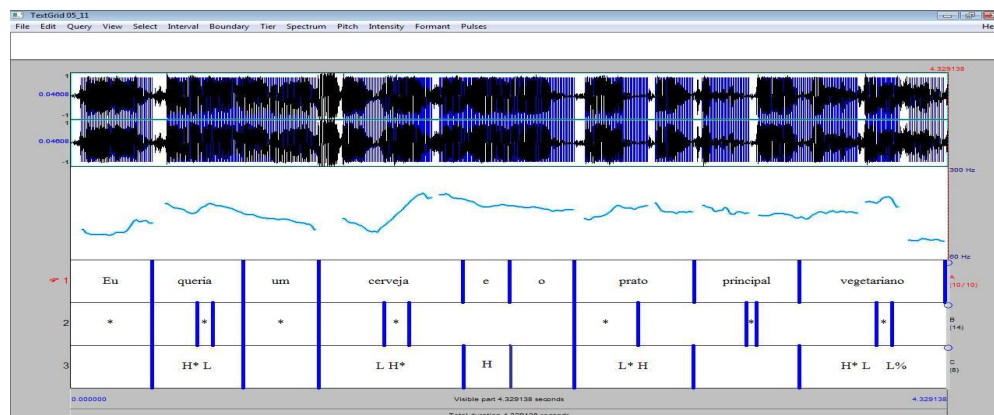


Figura PRAAT 11 - Asserção 2

Nas duas sentenças que se assemelham ao padrão descrito como asserção por Moraes (2008), observa-se que há também uma regularidade no que diz respeito à morfossintaxe. Ambas apresentam o verbo no imperfeito do indicativo, sendo fator determinante a questão de uma delas ser formada por um período composto por coordenação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Searle (1981: 21), “falar uma língua é adotar uma forma de comportamento regido por regras, sendo estas regras de uma grande complexidade. Aprender uma língua é (*inter alia*) aprender e dominar essas regras”. As regras a que Searle se refere não são apenas de cunho estrutural, mas sim regras de uso do idioma, regras que o individualizam e trazem consigo não só estruturas linguísticas, mas também marcas culturais do país do qual esse idioma é língua mãe. Portanto, na tarefa de aprendizado de uma língua, faz-se necessário ampliar a ótica de análise para além da forma, e considerar também os aspectos pragmáticos e prosódicos que a envolvem.

No âmbito do ensino de PLE, ainda são escassas pesquisas e métodos que relacionem pragmática à prosódia. Este foi o motivo que deu origem ao tema desenvolvido neste trabalho e também a razão pela qual parte das referências aqui utilizadas teve de ser buscada em material voltado para o ensino de inglês como língua estrangeira.

No que diz respeito aos atos de fala ordem e pedido, os dados aqui analisados indicam que os aprendizes de português como língua estrangeira conseguem perceber e produzir

regras de uso que vão além do que os manuais e gramáticas propõem para seu ensino. Isso pode ser atribuído ao contato dos alunos estrangeiros com falantes nativos da língua portuguesa, uma vez que os aprendizes estão em contexto de imersão linguística.

No que tange às ordens, pôde-se observar, nos dados, que o contexto situacional e o papel comunicativo desempenhado pelos interlocutores influenciam diretamente nas escolhas linguísticas para a realização desse ato de fala. Essas escolhas devem, portanto, ser compreendidas à luz dos estudos de base pragmática. Isso leva a crer que o uso da língua em sua unidade mínima de comunicação precisa ser considerado em todos os seus aspectos para ser compreendido e ensinado, seja como língua materna ou estrangeira, e não apenas sob o ponto de vista formal, como tem sido tratado pelos atuais manuais didáticos de PLE.

Em relação aos pedidos, também se pôde observar grande relevância do contexto pragmático para as suas produções. Dentre os informantes estrangeiros, notou-se que não há relação entre a situação discursiva e as escolhas morfosintáticas na produção de pedidos, mas sim uma relação de cunho prosódico. Entretanto notou-se que os atos de fala pedido são privilegiados pelos falantes em relação ao ato de fala ordem, por serem atos comunicativos menos agressivos à face do ouvinte, e, conseqüentemente, por possuírem maiores chances de serem realizados com êxito. Isso mostra que os alunos estão, de alguma forma, atentos à situação pragmática que permeia a produção dos atos de fala ordem e pedido.

O ensino dos atos de fala segue moldes tradicionais, focados na forma, com ênfase em tempos e modos verbais, o que não é o suficiente para se dominar todas as regras pragmáticas e os elementos prosódicos que permeiam sua produção, e que são de fundamental relevância para o sucesso do ato comunicativo.

Os resultados do teste de percepção deixaram evidente que, por vezes, o caráter prosódico se sobrepõe ao formal na identificação dos atos de fala ordem e pedido. Isso indica, mais uma vez, que um ensino que privilegia a forma em detrimento de aspectos pragmáticos e prosódicos não dá conta de preparar o aprendiz de língua estrangeira para a interação comunicativa com falantes nativos.

Só a interação entre fatores gramaticais, pragmáticos e prosódicos poderá tornar mais eficiente o ensino de pronúncia em PLE, nos moldes da proposta de Searle citada no início desta seção: falar uma língua é dominar suas regras formais, pragmáticas e fonológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Patrícia Ma. C. A. *A elaboração da opinião desfavorável em português do Brasil e sua inserção nos estudos de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E)*. 300 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
2. BEAUGRANDE, Robert. *Linguistic Theory: The Discourse of Fundamental Works*. London: Longman, cap. 9, 1981.
3. BECKMAN, Mary & PIERREHUMBERT, Janet. *Intonational structure in English and Japanese*. *Phonology* 3. 255-309, 1986.
4. BROWN, P. & LEVINSON, S. C.. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 [1987].
5. BLUM-KULKA, S.. Indirectness and politeness in requests: same or different? *Journal of Pragmatics*, 11: 131-146, 1987.
6. COLAMARCO, Manuela. *A entoação de atos ilocutórios diretivos na fala carioca: um estudo piloto a partir de map-task experiments*. Dissertação apresentada como requisito de obtenção de créditos da disciplina *Prosódia do Português*, cód. LEV 709, em agosto de 2007.
7. FRASER, Helen. 'ESL pronunciation teaching: Could it be more effective?' *Australian Language Matters*. 7 (4) p.7-8, 1999.
8. HINKS, Rebecca. *Speech Technologies for pronunciation feedback and evaluation ReCall* 15 (1): 3-20. Cambridge University Press, 2003.
9. LADD, Robert D. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
10. LE BERRE, Carla C. *Formulações dos Atos Diretivos, em língua oral, no português do Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
11. LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
12. MADUREIRA, Sandra. *Entoação e síntese de fala: modelos e parâmetros*. (p. 53 – 65) In: SCARPA, Ester M. (org.) *Estudos de prosódias*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.
13. MATEUS, Maria H. M. *Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos*. Em: atas do Encontro sobre o ensino das línguas e a linguística APL e ESE de

- Setúbal, 2004. Disponível em <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf> Acesso em : 22 de março de 2009.
14. _____ *A contribuição do estudo dos sons para a aprendizagem da língua*. Em: Atas do 7º Encontro Nacional da APP: Saber Ouvir / Saber Falar, 2007. Disponível em <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2007-mhmateus-congresso7-app.pdf> / Acesso em: 22 de março de 2009
 15. MORAES, João. *The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis*. 2008. Disponível em <http://aune.lpl.univ-aix.fr/~sprog/sp2008/papers/8inv.pdf> / Acesso em 21 de abril de 2009.
 16. _____ & COLAMARCO, Manuela. *Você está pedindo ou perguntando? Uma análise entonacional de pedidos e perguntas na fala carioca*. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 113-126, jul./dez. 2007.
 17. MUNRO, Murray J. & DERWING, Tracey M. *Foreign accent, comprehensibility and intelligibility in the speech of second language learners*. 285 – 310, 2000.
 18. NOLAN, Francis. *Intonation*. In: B. Arts & A. McMahon (eds), *Handbook of English Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2006. Disponível em http://www.ling.cam.ac.uk/francis/FN_inton_prepub.pdf
 19. PARDO, Dário B. *Can pronunciation be taught? A review of research and implications for teaching*. Revista de Estudos Ingleses 17 Nov; 6 – 38, 2004.
 20. PIERREHUMBERT, J. *The Phonology and Phonetics of English Intonation*. Ph.D. Thesis, Mass., MIT, Cambridge, 1980.
 21. Projeto ToBI <http://www.fl.ul.pt/dlgr/SonseMelodias/P-ToBI/P-ToBI.htm> acesso em: 09/04/2009
 22. SANTOS, Priscilla da S. *Ordem ou pedido? Como os brasileiros interpretam atos de fala produzidos por aprendizes de PLE*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
 23. SEARLE, J. R. *Os actos de fala*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.
 24. SETTER, Jane & JENKINS, Jennifer. *Pronunciation*. Lang. Tech. 38, 1-17, 2005.
 25. WIGHTMAN, Colin W. *ToBI or not ToBI*. 2002 In: <http://www.isca-speech.org/archive> acesso em 02/12/2008

ABSTRACT: Teaching a foreign language means to enable the learner to communicate with other people using the target language adequately. In order to attain this goal, to consider structural aspects of the language is not enough. It is also necessary to have in mind pragmatical and prosodic factors. It is important to remember Searle's concept that speech acts are the minimal units of communication

and to teach the learner how to deal with words in a nonnative language. Our research was carried out in Rio de Janeiro and also uses the principles of Speech Act Theory to investigate requests and commands orally produced by students of Portuguese as a foreign language (PFL), as well as the way Brazilian Portuguese native speakers interpret these speech acts. The focus of our work was oral production in so far as most communicative interactions between foreigners and Portuguese native speakers in Brazil are performed orally. Requests and commands originated from informers through elicitation, were analyzed focusing in the prosodic perspective. Our aim was to identify the factors contributing for the well succeeded interpretation by Brazilian Portuguese native speakers of requests and commands orally produced by PFL learners'. The prosodic analysis involved the comparison between the learners production and the Brazilian Portuguese request and command basic melodic patterns as identified by Moraes (2008). In this respect, our goal was to determine how the production and interpretation of these speech acts were influenced by the intonation contours that characterized them. We hope that language teachers and people in general may review their assumptions in what concerns the importance of pronunciation training and the role of phonology in the area of language teaching and learning.

KEYWORDS: Speech Acts, Request and Command, Prosody, Pragmatics, PFL Teaching, Pronunciation Teaching.

Recebido no dia 05 de junho de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 30 de julho de 2010.